

1

Introdução

O objeto de investigação deste trabalho é um fenômeno complexo, que envolve diversos aspectos da sintaxe do Português Brasileiro (PB), mas que gira em torno da chamada *concordância verbal*, ou seja, a relação que se estabelece entre o verbo e um elemento posicionado geralmente à esquerda da sentença, fazendo com que aquele apresente marcas morfológicas (de número) em consonância com as marcas morfológicas deste. Os verbos que estudaremos são uma categoria muito específica e restrita de verbos impessoais, que denominamos aqui de *verbos meteorológicos*¹, ou seja, verbos que exprimem fenômenos da natureza tais como *alvorecer*, *amanhecer*, *anoitecer*, *chover*, *chuviscar*, *estiar*, *nevar*, *orvalhar*, *relampejar*, *saraivar*², *trovejar*, *ventar*, *gear*, *entardecer*, *escurecer*, *clarear*, etc.

Segundo a Gramática Tradicional (GT), tais verbos, por expressarem fenômenos que “não são atribuídos a um ser, indivíduo ou entidade” (Azeredo, 2008: 232), sempre devem vir flexionados na *terceira pessoa do singular*. Na GT, tais verbos só podem aparecer em concordância com um sujeito quando em sentido figurado (v.g. *choviam pedras sobre todos*) (Cunha & Cintra, 2001; Bechara, 2004; Rocha Lima, 1999). Todavia, Azeredo (2008: 232-233), autor de uma gramática alicerçada em teorias linguísticas contemporâneas, afirma que os verbos *amanhecer*, *anoitecer* e *entardecer* podem surgir em construções como (1a), em que o verbo se encontra não em uma construção impessoal, mas em concordância com o sintagma *o dia*. Este autor diz o mesmo para o caso de verbos como *escurecer* e *clarear* quando denotam uma “propriedade ou atributo do

1 Outros autores, como Berlinck, Duarte & Oliveira (2009), usam o termo *verbos “climáticos”* ou *verbos de fenômenos da natureza*. Em Duarte (2012) e em Costa (2010) encontramos, porém, o termo *verbos meteorológicos*.

2 O mesmo que “cair granizo”.

fenômeno”, como na sentença em (1b). Mais uma vez, o verbo se encontra em concordância com o sintagma à esquerda e a sentença não pode ser considerada uma típica oração sem sujeito.

(1) a. O dia **amanheceu** chuvoso.

b. O céu **clareou** rapidamente depois daquela chuva toda.

É preciso destacar, nesse sentido, que, apesar de não mencionada nas gramáticas, uma sentença como (2a) – e outras semelhantes, como o leitor pode confirmar fazendo uma busca por si próprio –, é encontrada com facilidade em textos escritos na *internet*. Além disso, no trabalho clássico de Pontes (1987) sobre o tópico no PB, a autora levanta a possibilidade de a sentença atestada (2b) poder ser entendida como se o sintagma *essa janela* fosse realmente o elemento com o qual o verbo concorda, uma vez que a pessoa que proferiu tal sentença desejava dizer que “*a janela* não permitia a entrada de muito vento” e não que “*não entrava muito vento pela janela*” (*cf.* a discussão da autora às páginas 35-36). Mais do que isso, a autora ainda levanta a possibilidade (não atestada por ela) de que uma tal sentença pudesse ter o verbo flexionado na *terceira pessoa do plural* em concordância com um elemento à esquerda plural, numa construção claramente pessoal (2c).

(2) a. ...infelizmente aquele dia **choveu** como todos outros...³

b. Essa janela não **venta** muito.

(exemplo 94, de Pontes, 1987: 35)

c. Essas janelas não **ventam** muito.

(exemplo no corpo do texto em Pontes, 1987: 36)

Após o trabalho de Pontes (1987), esse tipo de construção sintática, em que o *verbo meteorológico* supostamente se encontra flexionado de acordo com elemento à esquerda, tem sido citado esparsamente na literatura linguística (v.g. Kato & Duarte, 2008; Avelar, 2009; Munhoz, 2011), sendo brevemente discutido

3 Texto acessado, no dia 13/11/2013, em: <<http://www.reclameaqui.com.br/5538931/thermas-de-olimpia-resort/resort-ta-looooooonge-de-ser/>>. Na mesma página havia a sentença: *Aquele dia choveu muito*.

em uma pequena seção em Berlinck, Duarte & Oliveira (2009: 143-144), na qual as autoras afirmam que tais verbos surgem em construções em que a posição esquerda da sentença é preenchida por um sintagma adverbial ou por um sintagma preposicionado de natureza locativa ou temporal.

Apesar de não receber um enfoque específico em trabalhos linguísticos, *verbos meteorológicos* flexionados no plural em aparente concordância com um elemento à esquerda da sentença não são um fenômeno de todo incomum, como ilustram as sentenças em (3), todas colhidas na *internet* e, portanto, na língua escrita, mesmo que na escrita informal⁴.

- (3) a. ...uns verões **chovem** mais, outros menos...⁵
 b. ...em várias partes da Argentina, Bolívia, Chile e Peru **nevam**, sendo que algumas regiões **caem neve** até no verão.⁶
 c. ...tem uma certa época em que alguns países **nevam** e outros não.⁷

Todavia, esses casos não parecem ser os mais comuns. *Verbos meteorológicos* flexionados no plural são muito frequentes em contextos como os de (4), em que o verbo se encontra no interior de uma oração relativa (com o pronome *que*) em aparente concordância com um sintagma de natureza locativa ou temporal fora da relativa, na verdade, justamente o nome relativizado.

- (4) a. Sei que há *lugares* [que **chovem** menos do que outros,]⁸
 b. ...esses são os *lugares* [que **nevam**,]
 c. ...o financiamento e o comando vem dos *países* [que **nevam**.]⁹

4 Abaixo apresentamos apenas alguns exemplos colhidos ao acaso. Contudo, todos os exemplos levantados serão apresentados ao leitor no Anexo 1.

5 Texto acessado, no dia 13/11/2013, em: <http://www.climatempo.com.br/olhonotempo/100306/proximas_noticias>.

6 Texto acessado, no dia 13/11/2013, em: <http://rendaaracaju.gloog.com.br/answer/pt_br/answer_20110511171844AA7hCsk.html?categoryId=396545598>. Na discussão que ocorre na mesma página há outros exemplos com *verbos meteorológicos* no plural, incluindo a sentença em (4b), abaixo. Observe-se que, neste exemplo, destacamos, também, o uso da expressão “cair neve” como equivalente de “nevar”.

7 Texto acessado, no dia 13/11/2013, em: <<http://www.mochileiros.com/europa-verao-x-inverno-junho-x-janeiro-t66631.html>>.

8 Texto acessado, no dia 13/11/2013, em: <<http://igrejahebrom.com/hebrom/mensagem/text/032512-milagrefinal.htm>>.

9 Texto acessado, no dia 13/11/2013, em: <<http://laudaes.com/2011/02/>>.

Uma vez diante desses dados, é imprescindível pensar no fenômeno da concordância, na sua natureza e nos mecanismos que implementam essa relação entre dois elementos de uma sentença, no nosso caso, sobretudo na concordância sujeito-verbo.

Uma questão que se coloca a partir das sentenças acima é em que medida as ocorrências de verbos no plural configuram um fato da gramática de falantes do PB ou são ocorrências excepcionais, talvez resultantes de lapsos de processamento, como aqueles que têm sido investigados na literatura psicolinguística envolvendo particularmente estruturas de DP complexo na posição de sujeito da sentença. Como será discutido no segundo capítulo deste trabalho, mesmo que um elemento da frase receba marcas morfofonológicas idênticas às de um outro elemento, essas podem não indicar uma verdadeira concordância, mas um lapso advindo, por exemplo, da presença de um elemento distrator (*cf.* Rodrigues, 2005; 2006, dentre outros, que serão abordados no capítulo seguinte). Como veremos então, o caso dos *verbos meteorológicos* flexionados no plural precisa ser discutido à luz desses modelos a fim de verificarmos se o que ocorre no PB é um caso de concordância efetiva ou se é um caso apenas de lapso.

Diante desse panorama, pode-se dizer que, *grosso modo*, neste trabalho, abordaremos o fenômeno da flexão de plural dos *verbos meteorológicos* com base em dois escopos teóricos: (i) a *teoria linguística gerativista* nos moldes do que nos é apresentado pelo Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a qual muitas vezes nos referiremos apenas como *teoria linguística*, que tem por objetivo fornecer um formalismo preciso e rigoroso que descreva as possibilidades combinatórias das línguas humanas e que seja capaz, assim, de descrever a competência linguística dos falantes; e (ii) a *psicolinguística*, ciência responsável por fornecer modelos procedimentais de como a produção e a compreensão de sentenças podem ser entendidas em tempo real.

Essa abordagem é feita, ainda, em consonância com uma das linhas de investigação que tem sido proposta pelos pesquisadores do *Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-Rio* (LAPAL), à qual este trabalho está vinculado, qual seja, de verificar até que ponto o modelo de

derivação gerativista pode ser integrado a modelos procedimentais de derivação em tempo real ou, em outros termos, até que ponto o modelo de língua minimalista pode ser integrado a um modelo sobre as tarefas efetivamente implementadas pelos falantes durante a produção de sentenças (*cf.* Corrêa, 2005; Augusto, 2005, dentre outros a serem abordados no capítulo 6 desta dissertação, para uma discussão das possibilidades e dificuldades dessa integração).

Objetivos e hipótese de trabalho

Nosso *objetivo geral* é tentar elucidar se a flexão de plural em verbos meteorológicos é realmente uma característica da gramática do Português Brasileiro ou se constitui um caso de lapso motivado por um elemento distrator. Para tanto, consideramos os modelos procedimentais que abordam o fenômeno da concordância e apresentamos três experimentos – um de produção eliciada, um de leitura automonitorada e de um de julgamento de gramaticalidade em tarefa de leitura automonitorada – em que buscamos verificar a produção e compreensão, por falantes de PB, de verbos meteorológicos flexionados no plural em orações relativas.

Nossos *objetivos específicos* são os seguintes:

- i. verificar se os falantes efetivamente produzem verbos meteorológicos no plural em contexto controlado e se há diferenças em relação ao tipo de oração relativa (cortadora ou padrão) em que está inserido o verbo meteorológico;
- ii. examinar se os falantes são sensíveis a marcas de plural em verbos meteorológicos em contextos de orações relativas em tarefas de compreensão de sentenças;
- iii. aferir a aceitabilidade de verbos meteorológicos em contraste com verbos inergativos em contextos em que o plural seria tomado como agramatical
- iv. aferir a aceitabilidade de verbos meteorológicos em contraste com verbos inacusativos de dois tipos (monoargumentais e biargumentais) em contextos em que o plural seria tomado como gramatical, resultante da possibilidade de concordância do verbo com um tópico-sujeito;

- v. prover uma explicação integrada para o fenômeno, na qual a efetiva produção e compreensão das estruturas investigadas é implementada, assumindo-se o *Modelo Integrado de computação on-line*.

A *hipótese de trabalho* que orienta a presente pesquisa pode ser desdobrada em duas afirmativas: (i) verbos meteorológicos no plural são licenciados pela gramática da língua quando em orações relativas cortadoras visto que as cortadoras são geradas a partir de uma posição de tópico, posição esta que pode, na gramática do PB, desencadear a concordância; (ii) verbos meteorológicos no plural não são licenciados pela gramática da língua quando em orações relativas padrão¹⁰, pois a natureza preposicionada do elemento relativizado impede que uma estrutura de tópico seja assumida. Nessas construções, verbos no plural constituem casos de lapso.

Organização do trabalho

A dissertação está organizada da seguinte forma. No Capítulo 2, apresentam-se os modelos propostos para se explicar o processamento de concordância na produção e compreensão de sentenças, destacando-se o caso dos lapsos de concordância, normalmente utilizados em pesquisas psicolinguística como informativos para a validação empírica de modelos. O Capítulo 3 traz os resultados experimentais da eliciação de sentenças relativas padrão e não padrão com verbos meteorológicos; e os resultados de experimento de leitura automonitorada em que se verificam os tempos de reação para verbos meteorológicos no plural e singular em relativas cortadoras. No Capítulo 4, são apresentadas e discutidas análises gerativistas propostas para a caracterização do Português Brasileiro, pertinentes para o fenômeno sob investigação. A integração de algumas dessas análises se mostra relevante para caracterizar a derivação linguística de sentenças relativas com verbos meteorológicos flexionados no plural, em concordância com um tópico locativo/temporal. No Capítulo 5, uma comparação final é empreendida entre os verbos meteorológicos no interior de

10 Usaremos, neste trabalho, o termo “relativa padrão” para nos referirmos às sentenças relativas de função oblíqua (*c.f.* o elemento entre colchetes na sentença: O menino [de que Maria gosta]).

orações relativas e três outros tipos de verbos: os inergativos que não licenciam a concordância com um tópico locativo-temporal, os inacusativos monoargumentais que têm favorecido a concordância com parte de seu argumento interno (relação todo-parte/possuidor-possuído) topicalizado e os inacusativos biargumentais cuja concordância com o tópico (de natureza locativa/temporal) também tem sido atestada. A implementação da efetiva produção e compreensão de orações relativas com verbos meteorológicos segundo os resultados obtidos é apresentada no Capítulo 6, no qual também se discute o comportamento dos falantes de PB diante das estruturas aqui analisadas considerando o tipo de informação e as concepções de gramática internalizada que poderiam estar guiando a produção e compreensão de sentenças. O capítulo final apresenta breves considerações e aponta para possíveis pesquisas futuras.